

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1-B-1

34

Curso C-PEM/85

Partido.....

Solução do P-III-7 (EN) ENSAIO

Apresentada por

LUIZ FERNANDO FREITAS

CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA

NOME E POSTO



RIO DE JANEIRO

19 85



- PREGAÇÃO REVOLUCIONÁRIA -

LUIZ FERNANDO FREITAS
Capitão-de-Mar-e-Guerra

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1985

GN-00000757-4

MM - EGN
BIBLIOTECA
07/07/1986
N: 148

PRÉCISO REVOLUCIONÁRIO

LUIZ FERNANDO FREITAS
Capitão-de-Mar-e-Guerra

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1982



TEMA: A PREGAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Tópicos a abordar: As principais idéias revolucionárias e os públicos a elas mais sujeitos.

A propensão ao apelo às mudanças radicais.

O peso das religiões e ideologias em geral no agravamento e amortecimento da violência.

A insatisfação no mundo ocidental e seu impacto sobre determinadas áreas geográficas.

A situação específica do Brasil.

PROPOSIÇÃO: Analisar o posicionamento do homem frente aos mais importantes apelos revolucionários a que foi submetido através dos tempos. Apresentar as principais idéias revolucionárias, as conotações da violência com as ideologias e religiões e as insatisfações, geradas por problemas sócio-político-econômicos, no Mundo Ocidental e de modo específico no Brasil.

A PREGAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Se tentarmos buscar as causas dos problemas que se irradiam sob a forma do apelo revolucionário, fatalmente, chegaremos ao homem, este ser controvertido que habita à face do planeta.

A primeira percepção da inteligência sobre a realidade do homem e do seu mundo é que ele é um problema vivo, que procura solucionar problemas da vida comportamental, a fim de resolver o problema que é o seu próprio ser.

Por sua própria natureza, vivendo numa encruzilhada entre o que é de fato e o que deve ser, entre o que quer e o que pode, o homem exprime uma dinâmica muito própria, que se manifesta como uma luta interior na busca de sua identidade, no esforço de encontrar a integridade do seu ser, disposto sempre a uma possível divisão interior, que, ao mesmo tempo, condiciona a capacidade reflexiva de sua inteligência, que pode analisar, sintetizar, abstrair e ordenar.

Por isto tudo é que o homem é um ser revolucionário, aberto e franqueado aos apelos que o circundam, em meio a um mundo conturbado e em permanente processo de revolução.

Em meio a esta análise, é irrelevante tentar objetivar quais os segmentos humanos ou grupos sociais mais propensos ou mais permeáveis ao apelo revolucionário, uma vez que estes o serão, em maior ou menor escala, consoante a natureza do momento e o grau de suas próprias vicissitudes, num quadro extremamente conjuntural e alheatório.

Aos considerarmos os grandes apelos revolucionários por que passou o homem em toda a sua história, fatalmente, teremos que partir dos filósofos gregos da antiguidade.

Platão considerava a propriedade comum dos bens como o arranjo ideal para a harmonia social. Na sua obra - "A Re-

pública" - prega que as classes governante e guerreira devem abrir completamente mão da propriedade puramente pessoal. A desigualdade econômica seria a principal fonte da discordia social.

Para Aristóteles, na sua concepção de justiça, os homens são iguais e cada cidadão, no seio do Estado, deve ter a mesma voz ativa no processo decisório. A felicidade, dizia ele, é o fim último do homem, sendo o resultado do desenvolvimento harmônico das tendências de um ser e da atividade que o especifica — a razão.

Foi no entanto no apogeu de Roma que o homem sofreu a maior de todas as pregações revolucionárias consubstanciada em uma nova religião - o Cristianismo, cujos ensinamentos modificaram profundamente os conhecimentos e o comportamento anteriores. A idéia de fraternidade universal dos homens adquiriu profundidade e vigor. O cristianismo ensinou a paternidade de Deus em relação aos homens e, consequentemente, a fraternidade destes entre si. A igualdade ficou ressaltada pela origem, pelo destino comum e pelo fato de que todos os homens foram objetos da missão do Cristo.

Abstraindo-nos das análises éticas presentes na Idade Média, em particular da Escolástica de Santo Tomás de Aquino, sem querer entrar a fundo na grande descentralização medieval que criou as nações modernas, nem analisar a controvérsia gerada pelo maquiavelismo em seu tempo, o homem viajou quase dezessete séculos para sofrer dois outros grandes apelos revolucionários — a Revolução Francesa e a Revolução Industrial.

A Revolução Francesa, que acelerou a queda de antigas instituições políticas, trouxe em seu bojo uma orientação prática no campo econômico, produzindo um movimento de reforma em toda a Europa, dando lugar a uma grande revolução

que lançou suas labaredas até o lado de cá do Atlântico , proporcionando a fecundação do germe da emancipação das antigas colônias americanas.

A Revolução Industrial representou mais que simples mudança quantitativa de produção: uma profunda transformação qualitativa na vida comunitária, seja pela riqueza resultante dos mecanismos de acumulação e aplicação de capitais , seja pela supremacia que daí decorreu - e que ainda hoje se observa - em favor das nações que primeiramente se industrializaram, em detrimento daquelas que não o fizeram.

Após a Revolução Francesa, a burguesia, classe primeiramente dominada e dominante em seguida, formulou os princípios filosóficos de sua revolução social. Partindo de princípios excessivamente liberais, chegou-se a configuração de um regime democrático: do governo de uma classe alcançar o governo de todas as classes.

Mas a liberdade tão apregoada conduziu à graves e irreprimíveis situações de arbítrio, principalmente, no domínio econômico. A conjugação do liberalismo com a máquina , ao minar a antiga estrutura feudal, arrastou milhares de camponeses para as cidades e fábricas onde passaram a trabalhar em condições menos que humanas, por salários insuficientes para a subsistência. As transformações sociais e industriais que estavam se fazendo sentir eram traduzidas pela fome, doença e a pobreza da última classe de operários - o proletariado.

Fácil imaginar daí o quão aberto passou a ser o homem, a partir da Idade Contemporânea, a toda a sorte de apelos e pregações de novas idéias, doutrinas, conceitos e ideologias, na busca integral de sua própria sobrevivência.

Foi dentro deste universo que despontou a figura de Karl Marx. De acordo com Marx, a burguesia adquiria rique-

za, em seguida o poder e, posteriormente, mais riqueza à custa do proletariado. A vida das multidões não melhoraria enquanto não fosse substituída por uma sociedade proletária, o que só poderia ser conseguido pelo reconhecimento generalizado do problema e, provavelmente, pela violência.

Marx procurou demonstrar, em sua dialética, que a mudança social é constante, que ocorre através da luta e que, naquele estágio do capitalismo, a luta seria entre a burguesia e o proletariado; que a derrota final da burguesia e a vitória do proletariado seriam garantidas e inevitáveis. Ele acreditava que as idéias do povo eram condicionadas por sua estrutura econômica e que mudanças econômicas estimulariam conflitos entre patrões e empregados. Os patrões usariam de todas as fontes de recursos para se manterem no poder, mas seus esforços estariam condenados ao fracasso. Eventualmente, as classes mais baixas contestariam tal situação e criariam suas próprias condições políticas e sociais. O conflito final encontraria as classes capitalista e operária empenhadas em uma luta em que o proletariado seria vencedor. Em que pese ser o sistema capitalista produtivo, ele também é explorador e parasita. À proporção que cada Estado fosse se tornando socialista, as fronteiras desapareceriam e uma única sociedade socialista substituiria o dividido, explosivo e cruel mundo do capitalismo.

Era de se esperar que algo viesse se contrapor às idéias de Marx, como uma alternativa. Assim, para a Idéia Revolucionária Funcionalista, o potencial de conflito dentro de uma sociedade não está no fato de uma classe social ser a detentora dos bens e do poder e sim na competição gerada na obtenção dos bens considerados valiosos por essa sociedade. A estabilidade de uma sociedade seria função do equilíbrio existente entre os seus valores e o meio ambien

te. Um novo meio ambiente exigiria novos valores que podem ser obtidos pela evolução ou pela revolução.

De acordo com os funcionalistas, o conflito surgiria se, ao mudar o meio ambiente, houvesse intransigência das elites ou ilegitimidade, aqui entendida como perda de autoridade.

Ao lado destas duas idéias revolucionárias, uma outra, a da Sociedade de Massa, pretende explicar os movimentos totalitários ocorridos neste século e foi formulada a partir da conquista do poder pelos nacionais-socialistas na Alemanha.

Esta idéia, tem como essência a noção pluralista da democracia, ou seja, dentro de uma coletividade os grupos sociais são protegidos da opressão das elites por impedimentos morais e constitucionais, o que os mantém isolados e com seus valores preservados. A sociedade de massa poderia ocorrer quando ao enfraquecer a solidariedade intragrupal, as elites aceitarem a interferência das não elites e as mobilizarem.

Até o momento, as idéias revolucionárias foram apreciadas sob o ponto de vista sociológico, pelo qual o ato revolucionário é função de determinadas condições societárias.

Outras idéias revolucionárias preocupam-se mais com a forma pela qual os indivíduos percebem e reagem à situação social. Assim, considerando o enfoque psicológico da revolução, podemos tabular as seguintes idéias revolucionárias: Conflitos Psicológicos Individuais, Expectativas Crescentes e Privação Relativa.

A Idéia dos Conflitos Psicológicos Individuais trata da contestação dos valores da sociedade por indivíduos que se tornaram revolucionários em consequência de não terem, ao longo da vida, seus conflitos psicológicos resolvidos.

A Repressão dos Instintos encara a revolução como decorrência, também, do desequilíbrio entre os valores da sociedade e do meio ambiente. A revolução surgiria quando os valores forem enfraquecidos e o meio ambiente passar a pres-

sionar os instintos, fazendo com que estes não tenham o nível de satisfação necessária.

A idéia das expectativas crescentes surgiu ao se tentar explicar, sob o ponto de vista psicológico, a Revolução Francesa. De fato, nos trinta anos que a antecederam, algumas conquistas sociais e econômicas introduziram na sociedade uma condição de acentuada melhoria de vida, o que induziu a esperança de que tais melhorias se sucederiam indefinidamente. Contudo, ao ver frustradas tais expectativas pela presença de leis e costumes retrógrados, a burguesia tentou afastar esses obstáculos, inclusive com a deposição dos governantes. Posteriormente, a idéia evoluiu passando a considerar que ao se tornar cada vez maior a diferença entre a satisfação das necessidades esperadas e a satisfação real das necessidades, a opressão tornar-se-ia intolerável e os indivíduos se insurgiriam contra os impedimentos que obstaculizassem essa satisfação real.

A Privação Relativa é recente e a idéia apareceu durante os movimentos sociais da década de sessenta. Ela considera que a condição para que seja desencadeada uma revolução é o entendimento por parte dos indivíduos da disparidade de entre suas expectativas de valor e as possibilidades de valor da sociedade a qual pertencem.

Todavia, as idéias revolucionárias, em sua quase totalidade, não vieram sós. Faltando a elas uma articulação ou um sistema que consubstanciasse um programa de pensamento e ação, muniram-se de artifícios para lograr tal propósito. Nasceram, assim, as ideologias, que são sistemas de idéias que concretizam um programa de pensamento e ação, com a finalidade de impor-se como norma de caráter revolucionário e que inspiram um sistema social, político ou religioso.

As ideologias geralmente surgindo em condições de cri-

se e em segmentos da sociedade para as quais a perspectiva até então prevalecente se torna inaceitável, não são normalmente evolucionistas, mas revolucionárias e preconizam de u'a maneira violenta a ruptura com as condições do passado.

As principais ideologias contemporâneas continuam presentes, acirrando a violência. O nacionalismo prega a adoção de problemas emocionais para a solução dos problemas econômicos. O liberalismo adota o desapego à cultura, à insensibilidade e a proclamação da superioridade do êxito a qualquer preço. O totalitarismo, ao oferecer uma nova filosofia, na verdade, exerce a escravidão mental ao cortar a capacidade especulativa do ser humano.

Dentro desse contexto, não consideradas as radicalizações das guerras santas, todas as religiões monoteístas tentaram, e continuam tentando, sapirar o ímpeto da violência contida nas várias ideologias, em que pese os esforços grotescos de uma "teoria da libertação", onde, o próprio Cristo, se confunde com a figura de um guerrilheiro, como tal, violento. O fenômeno constitui seguramente uma das mais profundas manifestações de crise do nosso tempo. Isto porque os valores espirituais, morais e religiosos, sem os quais a sociedade não pode subsistir, estão sendo solapados dentro da própria religião, por homens que juraram devotar-se à preservação do sentido vertical da vida humana. Aí, encontramos uma das formas mais paroxísticas da violência.

Com as reflexões trazidas até aqui, queremos dizer da posição escolhida para analisar o mundo dos nossos dias e, em especial, a situação brasileira. Acreditamos que sem uma adequada perspectiva histórica, que nos coloque em condições de isenção científica, não teríamos condições de dimensionar o hoje.

Assim, como os indivíduos, os problemas essenciais da

sobrevivência de cada nação têm atualmente dimensão universal, pois o mundo contemporâneo, para usar a já conhecida expressão, é, de fato, uma "aldeia global".

O fenômeno dominante no cenário do mundo ocidental, e que vem subsistindo, é a confrontação no plano político entre a democracia e o comunismo e, no plano econômico, entre o capitalismo liberal e o capitalismo do Estado.

No plano econômico, nem o capitalismo liberal e nem o capitalismo de Estado conseguiram resolver os problemas que marcam a atual vida social: a deterioração ambiental e deplapidação de recursos naturais, o colapso de centros urbanos, o aumento excessivo das taxas de desemprego, a necessidade crescente de capital e a baixa produtividade do capital empregado.

Nos países menos avançados, como os da América Latina e África, a situação se agrava ainda mais com a existência de problemas que decorrem do seu estágio de desenvolvimento imperfeito ou bloqueado. Dentre estes e mais típicos, no que se convencionou chamar de países do "3º Mundo", temos: a explosão populacional, o aumento da pobreza absoluta, o desequilíbrio na distribuição de renda, as baixas condições de moradia, saúde, previdência e a dependência, quase inexorável, às flutuações dos preços internacionais. Esta tipicidade gerou um confronto econômico denominado "conflito Norte-Sul", alinhando, de um lado, as nações em desenvolvimento e fornecedores de matérias-primas, em sua maioria, situadas no Sul e, do outro lado, os poderosos centros políticos e econômicos do Norte.

Dentro desse quadro, de perplexidades e angústias, agiganta-se o conflito ideológico entre o comunismo e a democracia, comandado pela União Soviética e os Estados Unidos, respectivamente, e que visa colocar as demais nações sob

suas esferas de influência.

O impacto da insatisfação é mais sentido nas áreas em que se encontram os países menos desenvolvidos, onde a conjugação dos problemas econômicos e políticos criaram uma situação social explosiva, bem caracterizadas pela proliferação de conflitos periféricos e por movimentos terroristas.

Assim, homens, povos e Estados, pressionados por problemas de toda ordem e no afã de conseguir, já e agora, os bens e valores a que se julgam com direito, vêm se tornando vulneráveis à pregação revolucionária de ideologias que, utópicas em suas mensagens, escondem a violência e o desamor que trazem em seu bojo.

O Brasil, país em desenvolvimento, integrado política, social e economicamente aos povos livres do ocidente, não poderia fugir ao quadro conjuntural vigente no mundo ocidental.

Em passado recente, nosso país esteve submetido a uma intensa pregação revolucionária que, utilizando problemas sociais de origem histórica, em meio à uma situação favorável, a partir da aquiescência da elite governante, tentou implantar um regime socialista de caráter marxista-leninista. A situação atual vem demonstrando o ressurgimento de organizações revolucionárias, agora atuando pela via institucional. Nesse aspecto, o momento presente de recessão econômica e inflação crescente, com suas malignas consequências sobre os níveis de emprego, salários e de conturbação política, fruto de um processo de liberalização, vem propiciando as condições favoráveis às mensagens revolucionárias, que têm o propósito de exacerbar as classe sociais, principalmente a classe média, apelando por mudanças radicais.

É lícito supor que a nova realidade política brasileira leve a um maior nível de participação das diversas clas

ses sociais no processo decisório, ou seja, as pressões dos diversos segmentos da sociedade deverão se ampliar e o coeficiente de tutela política-econômica do governo diminuir, com conseqüências ainda imprevisíveis.

Sem termos tentado estabelecer uma teoria que explique a crise que hoje se abate sobre a humanidade, todos os nos sos esforços de compreensão partiram ou chegaram a um deno minador comum - o homem.

Se é verdade que a vida é um processo dinâmico, é verdade, também, que o mundo tampouco se nos parece estático, buscando uma adaptação às condições novas que emergiram ao longo do tempo. Mas o que distingue, particularmente, a atual época, das que a antecederam, é o fato de que, em nos so tempo, as mudanças vêm ocorrendo numa velocidade crescente e nos atingem de maneira global e profunda. Isso exi ge uma capacidade adaptativa da qual a humanidade, como um todo, está ainda relativamente distante. Se não formos capazes de desenvolver e generalizar esta capacidade de responder e, mais do que isso, de nos anteciparmos aos eventos, estaremos condenados a um período de conturbação ge ral, onde até a viabilidade física de vida no planeta esta rá posta em questão.

BIBLIOGRAFIA

- 1 . BARADAT, Leon P. Political Ideologies. Englewood Cliffs, Prentice Hall Inc., 1979.
- 2 . BICKEL, Alexander M. A Ética do Consentimento. Rio de Janeiro, Livraria Agir, 1978.
- 3 . BOAVENTURA, Jorge. Ocidente Traído. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980.
- 4 . CAPLOW, Theodore. A Caminho da Redenção Social. Rio de Janeiro, Livraria Agir, 1979.
- 5 . CHALIAND, Gerard. Revolution in the Third World. New York, The Viking Press, 1977.
- 6 . CHRISTENSON, Reo M. et alii. Ideologias & Política Moderna. São Paulo, Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A., 1974.
- 7 . COHAN, A.S. Teorias da Revolução. Brasília, Universidade de Brasília, 1981.
- 8 . MACEDO, Ubiratan de. Metamorfoses da Liberdade. São Paulo, Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A., 1978.
- 9 . MACRIDIS, Roy C. Ideologias Políticas Contemporâneas. Brasília, Universidade de Brasília, 1982.
10. SARGENT, Lyman Tower. Contemporary Political Ideologies. 3.ed. Homewood, The Dorsey Press, 1975.
11. VASCONCELOS, Perboyre. A volta ao Mito. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1970.
12. WATKINS, Frederick M. & KRAMNICK, Isaac. A Idade da Ideologia. Brasília, Universidade de Brasília, 1981.



00007540000148

Pregacao revolucionaria

1-B-1

1. BARROTT, Leo. Praxis. Rio de Janeiro, Livraria Ágora, 1978.
2. BICKEL, Alexander M. A Ética do Consentimento. Rio de Janeiro, Livraria Ágora, 1978.
3. BOAVENTURA, Jorge. Occidente Tróico. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980.
4. CAPLOW, Theodore. A Crise da Revolução Social. Rio de Janeiro, Livraria Ágora, 1978.
5. CHILMUND, Gerald. Revolution in the Third World. New York, The Viking Press, 1977.
6. CHRISTENSON, Leo M. et alii. Ideologias e Políticas no Brasil. São Paulo, Instituto Brasileiro de Cultura e Arte, S.A., 1974.
7. CORAN, A.B. Teoria da Revolução. Brasília, Universidade de Brasília, 1981.
8. MACHO, Ubiratan de. Metamorfoses da Liberdade. São Paulo, Instituto Brasileiro de Cultura e Arte, S.A., 1978.
9. MACHOIS, Roy C. Ideologias Políticas Contemporâneas. Brasília, Universidade de Brasília, 1981.
10. SARGENT, Lyman Tower. Contemporary Political Ideology. 3.ed. Homewood, The Dorsey Press, 1975.
11. VASCONCELOS, Fernando. A Volta ao Mundo. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1970.
12. WATKINS, Frederick M. e KRAMNICK, Isaac. A Ideologia. Brasília, Universidade de Brasília, 1981.

Freitas, Luiz Fernando

Pregação revolucionaria

1-B-1

PETROUS EW

NUMERO DO LIVRO (148/86)

6 JUL 88

André Felipe B. Moura